

Relançamento de livro de crônicas resgata memória e legado de José Paulino de Azurenha, figura histórica no jornalismo gaúcho



reportagem cultural

Tempo de relembrar José Paulino de Azurenha

Rafael Gloria, especial para o JC

Jornalista, cronista e um dos fundadores do jornal Correio do Povo. José Paulino de Azurenha foi um intelectual complexo, com uma trajetória que merece ser lembrada agora com a reedição do livro *Semanário de Leo Pardo*. A obra, que reúne uma seleção de crônicas do autor entre 1905 e 1909, teve uma única edição em 1926, pela Livraria do Globo. O projeto é do Estúdio Mar Edições.

Alex de Cassio, um dos responsáveis pela reedição, também pesquisou os vestígios e registros de Azurenha para escrever a nota biográfica que acompanha o livro. Ele conta que essa busca foi uma das partes mais complicadas do processo. “É que ele não deixou

muita coisa. Quase tudo que consegui encontrar são depoimentos de amigos. Ele era uma pessoa respeitada por todo mundo. Era muito discreto, embora tivesse participação na sociedade, sendo membro de muitas associações.”

Azurenha nasceu em 1860, de uma mãe escravizada chamada Paula Maria da Conceição, ainda onze anos antes da Lei do Ventre Livre. Segundo Cassio, que conseguiu recuperar a certidão de nascimento de Azurenha, ele foi liberto na pia batismal. O futuro jornalista cresceu no centro, na rua Espírito Santo, perto da Cúria Metropolitana. Foi o padre jesuíta Antônio dos Santos Reis que o acolheu e o ajudou na educação formal. Azurenha mesmo atesta esse fato em diversas crônicas.

O professor da faculdade de Educação da Ufrgs José Antônio dos Santos fala sobre a importância da educação na vida dele. “Como era muito comum aos negros da época, ele seguiu seus estudos de forma autodidata e em contato direto com outras pessoas de mesmo perfil étnico-racial e de classe”, diz. Neste sentido, outro pilar na sua formação foi o jornalista e político Aurélio Viríssimo de Bittencourt, um dos seus principais amigos e padrinho de seu casamento. “Ele teve trajetória muito parecida com a de Azurenha, foi filho de mãe escravizada, aprendiz de tipógrafo, dono de jornal, funcionário público concursado e secretário de governo de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros.”

Azurenha trabalhou como

tipógrafo no Jornal do Comércio, criou junto ao amigo Bittencourt a Revista Litteraria e, em 1895, juntou-se a Caldas Júnior e Mário Totta para fundar o Correio do Povo. Lá, trabalhou em várias áreas do periódico e, aos domingos, assinava uma crônica na última página, com o título de Semanário do Leo Pardo. A jornalista Brenda Vidal pesquisou as crônicas do livro em seu trabalho de conclusão de curso na Ufrgs. “Eu destacaria a erudição como uma das suas principais características. Escolho essa palavra porque, nos séculos XIX e XX, escrever bem era sinônimo de ser erudito. Além disso, ressalto o caráter poético das crônicas dele, que é marcadamente sensível. Em muitos momentos, ele coloca o leitor na cena, permitindo que veja o

que ele está vendo e compreenda seu ponto de vista. E saliento também a capacidade crítica de Paulino, que dialoga estrategicamente com a elite, mas sem perder a conexão com o popular”, explica.

Mesmo sendo um jornalista e cronista respeitado e celebrado na sua época, a memória de Azurenha acabou não tendo o cuidado necessário. “O ‘esquecimento ou apagamento’, também identificado pelos historiadores como silenciamento ou invisibilização da trajetória de personagens negros, como Paulino Azurenha, foi um projeto nacional para deslegitimar as demandas por reparações políticas e sociais da população negra”, defende José Antônio dos Santos.

Uma informação que Cassio encontrou, mas não colocou na nota biográfica, refere-se a onde estão enterrados os restos mortais de Azurenha, morto em 1909. “Em 1917, a turma de jornalistas amigos dele resolveu fazer um jazigo perpétuo para ele no cemitério da Santa Casa, na parte histórica. Está abandonado, mas é possível ver o nome dele”, diz.

Leia mais na página central